

Denúncias derrubam o chefe da Caixa

— Pedro Guimarães não resiste a acusações de assédio sexual; a exoneração é ‘clara resposta’ do governo, afirma Flávio Bolsonaro, à frente da campanha pela reeleição

ANDRÉ BORGES
FELIPE FRAZÃO
BRASÍLIA

Acusado por funcionárias da Caixa Econômica Federal de assédio sexual, o executivo Pedro Guimarães deixou a presidência do banco ontem à tarde, após uma conversa com o presidente Jair Bolsonaro. O Palácio do Planalto já tinha conhecimento das acusações que recaíram sobre Guimarães desde a noite anterior, quando o escândalo veio à tona em reportagem do site *Metrópoles* com informações detalhadas por cinco funcionárias.

Ao *Estadão*, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), filho do presidente, antecipou a troca do comando estatal, que passa agora a Daniella Marques, vista como “braço direito” do ministro da Economia, Paulo Guedes (*leia mais na pág. B4*). Segundo Flávio, o nome da substituta é para dar uma “resposta mais do que clara” de que Bolsonaro não compactua com a conduta. “Inaceitável uma conduta pessoal dessa, que não tem nada a ver com o governo.” Um dos coordenadores da campanha do pai, Flávio disse que a saída de Guimarães foi para que o caso não fosse usado contra o presidente.

Na chefia da Caixa desde o início do governo Bolsonaro, Pedro Guimarães, 51 anos, chegou ao cargo respaldado pela “experiência em privatizações”. Ao longo da gestão, fez muitas viagens e eventos, para apresentar a atividade do banco público. Era principalmente nestas ocasiões que, segundo os depoimentos, Guimarães praticava ações de assédio sexual contra funcionárias, que iam de convites para entrar em seu quarto a insinuações e toques em partes íntimas.

Na manhã de ontem, Guimarães ainda procurou apresentar um ar de certa normalidade. E tratou de comparecer a um evento presencial da Caixa, ao lado de sua mulher. A portas fechadas para a imprensa, foi ao microfone e discursou como se não estivesse no meio de um escândalo, limitando-se a afirmar que é uma pessoa “pautada pela ética”.

No fim da tarde, no entanto, ele publicou a carta de demissão. Sob investigação do Ministério Público Federal, Guimarães afirma, no documento, que foi alvo de “uma situação cruel, injusta, desigual e que será corrigida na

hora certa com a força da verdade”. A exoneração foi em seguida confirmada no *Diário Oficial da União*, assim como sua substituição por Daniella Marques.

POLÊMICAS. Em três anos e meio de governo, Guimarães acumulou algumas polêmicas. Em dezembro, um vídeo mostrou diretores e vice-presidentes da Caixa fazendo flexões, por ordem de Guimarães, em evento do banco. Indicado por Guedes, afastou-se do ministro e se aproximou de Bolsonaro, a ponto de chegar a ser citado pelo presidente como um dos possíveis candidatos a vice.

“As acusações não são verdadeiras e não refletem a minha postura profissional e nem pes-



Guimarães foi a evento com a mulher e se disse ‘pautado pela ética’

soal”, afirmou Guimarães. Ele sustentou ainda que tem “a plena certeza de que estas acusações não se sustentariam ao pas-

sar por uma avaliação técnica e isenta” e que decidiu se afastar neste momento para se “defender das perversidades lançadas”

contra ele, “com o coração tranquilo daqueles que não temem o que não fizeram”.

Após a saída de Guimarães, o banco se pronunciou oficialmente pela primeira vez sobre as denúncias. Em nota enviada à imprensa, a Caixa reconhece que recebeu, via canal de denúncias, relato de casos de assédio e que repudia “qualquer tipo de assédio”. “A investigação corre em sigilo, no âmbito da corregedoria, motivo pelo qual não era de conhecimento das outras áreas do banco”, diz o texto. Segundo o banco, a investigação interna foi instaurada em maio. ● COLABOROU

FERNANDA GUIMARÃES

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia & Negócios **Caderno:** B **Página:** 1